



INFORMATIVO

O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

220 anos do Tratado de Badajoz e da posse das Missões pelos luso-brasileiros - 210 anos da Intervenção de Dom João na Banda Oriental - 200 anos do Tratado de Incorporação da Cisplatina ao Império - 190 anos da Abdicação - 190 anos da criação da Guarda Nacional - 180 anos da pacificação da Balaiada por Caxias - 170 anos do início da Guerra contra Oribe e Rosas - 160 anos da Questão Christie - 150 anos do Tratado de Paz com o Paraguai - 150 anos da Lei do Ventre Livre - 130 anos da 1ª Constituição Republicana - 120 anos do início da Revolução Acreana por José Plácido de Castro - 80 anos da criação do Ministério da Aeronáutica.

ANO 2021

Maio

Nº 374

UMA BREVE HISTÓRIA DA INTELIGENCIA

André Luís Woloszyn ¹

Desde que os exércitos se puseram em marcha, seus oponentes sempre desejaram saber o que seus comandantes estavam pensando e para onde estavam se dirigindo evitando, desta forma, serem surpreendidos no campo de batalha.

Há cerca de 500 anos a.c. na China, surgiu a primeira e principal obra que retrata a importância das informações em uma guerra, atribuída ao general e estrategista militar, Sun Tzu, intitulada “A Arte da Guerra”. Alguns de seus textos, caráter doutrinário, inclusive na administração, como o que se refere as informações no campo de batalha:

Se conheceis o inimigo e a vós mesmos, não precisais temer pelo resultado de 100 batalhas; se vos conheceis, mas não ao inimigo, para cada vitória sofrereis uma derrota; se não conheceis nem a um nem a outro, sereis sempre derrotado”. (SUN TZU, 1994)

As legiões romanas no século I a. C, nas guerras da Gália, de 58 a.C a 52 a.C. buscavam coletar informações por meio da figura dos especuladores, um grupo de combate que se infiltrava no território inimigo em profundidade, na busca por dados e informações que pudessem subsidiar seus ataques com maior eficiência.

Em 1513, Nicolas Maquiavel lançou um tratado “A Arte da Guerra”, no qual, a exemplo de Sun Tzu, afirmava da necessidade da busca de informações e da análise quando aconselhou que todo

¹ Analista de Assuntos Estratégicos, oficial de Inteligência da extinta Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República (SAE), diplomado em Inteligência Estratégica pela Escola Superior de Guerra (ESG). Acadêmico da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHMTB) e Membro do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB).

soberano deveria ler as histórias de vários países e examinar as razões de suas vitórias e das suas derrotas a fim de poder fugir destas e evitar aquelas. (MAQUIAVEL,1997, p.97).

Em 1566, o Papa Pio V criou um serviço de inteligência estruturado, denominado de Santa Aliança, com a finalidade de barrar o avanço do protestantismo inglês. Além da coleta de informações acerca da Rainha Isabel I, da Inglaterra, sob o manto de ordens religiosas internacionais, utilizava-se da desinformação para criar boatos no intuito de desestabilização política da corte inglesa. (FRATINNI, 2004).

Paralelamente, em 1568, como antídoto para as atividades da Santa Aliança, o Ministro do Exterior da Rainha Elisabeth I, Sir Francis Walsingham, criou um serviço de informações com centenas de agentes de espionagem (PARENTE, 1976, p.54). Fruto das informações colhidas, muitos atentados contra a vida da rainha Elisabeth, planejados por integrantes da Santa Aliança, que apoiavam a rainha Mary Stuart, da Escócia para sucessora ao trono, foram desarticulados.

Conseguiu, prever, ainda, a eminente invasão da Inglaterra por uma grande armada espanhola que estava sendo construída para este fim, na chamada Batalha Naval de Gravelines, no Canal da Mancha, em 1588.

Na França, em 1630, sob o reinado de Luís XIII, o Cardeal Richelieu, então Primeiro Ministro do reino, criou uma ampla rede de espionagem, precursora do Cabinet du Secret des Postes (sala escura), um órgão destinado a espionagem da nobreza por meio do monitoramento e da violação das correspondências diplomáticas e militares, com a finalidade de identificar e neutralizar golpes e conspirações contra o rei Felipe II (CHRISTOPHER, 2019, p.234).

A atividade de inteligência se fortaleceu a medida da ampliação das zonas de influência e a consequente expansão da competição entre os reinados com a era dos descobrimentos, da colonização além-mar e do mercantilismo.

Com a primeira revolução industrial, a guerra de independência dos EUA e a revolução francesa, somado ao fomento de deslocamentos marítimos entre regiões remotas para exploração do comércio, as informações adquiriram status permanente nas colônias em todos os continentes.

O rei Frederico II, da Prússia (1740-1786), por seu turno, introduziria um novo método para melhor aproveitamento das informações até hoje utilizado. Por meio da leitura de registros e relatórios confeccionados por funcionários em serviço nas embaixadas europeias, quando do retorno a seu país de origem, após o término das missões. Neles, eram relatadas com precisão de detalhes questões envolvendo aspectos políticos, econômicos e militares, nascendo então os primeiros documentos de Inteligência de que se tem notícia.

Napoleão Bonaparte (1792-1812) considerado um dos maiores estrategistas militares da história se assessorava sistematicamente das informações para elaborar suas táticas e estratégias. Houve uma segunda inovação nesta atividade quando foi criado no organograma de seu estado-maior, um setor voltado ao estudo da estatística que, dentre outros temas, buscava dados acerca das condições do terreno, tamanho do Exército, número e tipos de armas utilizadas pelos inimigos. Tais informações coletadas passaram a ser analisadas em estimativas de forças, possibilitando prever o tamanho do Exército e meios necessários para empreender suas campanhas.

Na Guerra de independência dos EUA, (1775-1783) o presidente George Washington dependia dos relatórios de seus espiões para decidir o que fazer. Chegou a criar um fundo de um milhão de dólares destinados as relações estrangeiras, cujo objetivo único era o de obter informações acerca das operações britânicas no Canadá e a movimentação de índios no Oeste (JONES, 2002, p. 97)

Nas guerras do século XVIII como a da Secessão (EUA-1861/1865) e do Paraguai (Brasil-Paraguai-1864/1870) a questão das informações são raramente mencionadas pelos historiadores,

provavelmente, pela escassez de fontes disponíveis. Sabe-se, porém, que a partir destes conflitos, houve o desenvolvimento de técnicas como a infiltração e meios rudimentares como balões de ar destinados a observação aérea das posições das defesas e movimentação do inimigo para subsidiar o planejamento estratégico e tático dos Exércitos em luta.

O presidente Abraham Lincoln, possuía um serviço de informações secreto chefiado por Allan Pinkerton. Quando a Guerra Civil eclodiu, foi chefe do Serviço de Inteligência da União durante os primeiros dois anos. Seus agentes muitas vezes trabalhavam disfarçados como soldados confederados para reunir inteligência militar. Ele próprio se envolveu em várias missões secretas como soldado confederado usando o pseudônimo de Major E. J. Allen, prestando serviços em Deep South no verão de 1861, concentrando-se em fortificações e planos confederados (STOCKHAM, 2017, p.119).

Assim, além do uso de balões aerostáticos tripulados, havia espões responsáveis pela coleta de informações acerca da quantidade de homens, tipos de armamento, localização de fortificações e como era realizado o apoio logístico a estas tropas. Os balões foram criados por Thaddeus S. Lowe e após o término da guerra da Secessão, foram importados pelo Brasil no ano de 1867, duas unidades, utilizadas nos últimos anos da Guerra do Paraguai, em Tuiuti, Curupaity e Humaitá.

Relatos do Marquês de Caxias, acerca da guerra do Paraguai nos traz uma ideia aproximada da importância desta nova tecnologia:

(...) havia se já mandado vir, á toda pressa, o balão aerostático, que tinha ficado no passo Ipohy; e chegado elle ás 10 horas ao referido povoado, fez-se uma ascensão, subindo como observador o capitão Amaral (...) Descobrirão-se todas as posições do inimigo, Humaitá, Curupaity, o rio Paraguay e bem assim o nosso acampamento de Tuyuty e do rio Paraná. Descobrirão-se (sic) perfeitamente as trincheiras inimigas do lado da terra, e verificou-se a continuidade dellas, desde Tuyuty até Humaitá, interrompida apenas em alguns pequenos espaços, banhados e esteiros. Não foi vista, porem a esquadra, naturalmente pelo facto de projetarem-se os navios sobre as margens do rio paraguay, pouco visiveis e encobertas pelo mato que a borda. (CAXIAS, 1867, p.21).

A relevância da atividade e o status de fazer parte dos jogos de guerra é aceita internacionalmente sendo referida na primeira Convenção de Haia de 1899, que tratou do assunto em seu Anexo II, definindo a espionagem em tempo de guerra e suas exceções, da seguinte forma:

Somente será considerado espião, o indivíduo que, agindo clandestinamente ou sob falsos pretextos, obtenha informações na zona de operações de um Estado beligerante, com a intenção de comunica-los à parte adversa. Desse modo, os militares não disfarçados que hajam penetrado na zona de operações do exército inimigo com o objetivo de obter informações não serão considerados espões. **(caso dos grupos batedores e esclarecedores)**. Da mesma forma, não serão considerados espões: soldados ou civis cumprindo ostensivamente sua missão, encarregados de transmitir expedientes tanto para seu próprio exército quanto para o de seu inimigo. **(caso dos mensageiros)** A essa categoria pertencem igualmente os indivíduos enviados em balões aerostáticos **(caso dos balões da guerra da Secessão e do Paraguai)**, para transmitir expedientes e, de forma geral, para manter a comunicação entre as diversas partes de um exército ou de um território. (Grifo nosso).

No entanto, a partir da 2ª Guerra Mundial (1939-1945) considerada como “ A Guerra da Inteligência” pelo historiador John Keegan, a atividade de informações obteve um salto quantitativo e qualitativo. A história, neste período, registra vários episódios de como governantes e estadistas se valeram das informações coletadas da espionagem para a tomada de decisões

táticas e estratégicas. Dentre os maiores triunfos dos aliados figura a quebra dos códigos alemães, em Bletchley Park.

Dentre estes, vale destaque o caso do agente Richard Sorge, considerado por muitos especialistas, como o espião do século, que informou a Josef Stálin, com trinta dias de antecedência, a intenção da Alemanha de invadir a Rússia além de detalhes da Operação Barbarossa, iniciada em 22 de junho de 1941. Outro episódio digno de nota foi as informações antecipadas que indicavam um provável ataque aéreo japonês em algum ponto das ilhas do Havaí o que efetivamente ocorreu na base naval dos EUA em Pearl Harbor, e a propaganda diversionista dos aliados na intenção de ocultar dos alemães a invasão da Normandia, conhecida como o Dia D, numa ação de desinformação relatada no livro intitulado “O homem que nunca existiu”, de autoria do escritor Ewen Montagu. Interessante que nos dois primeiros casos, tais informações não foram consideradas pelos decisores, resultando em catástrofes.

Com as novas tecnologias, foram incrementadas diferentes técnicas de coleta e busca de dados e informações como a utilização e infiltração de agentes em setores estratégicos do inimigo, criação e ampliação de redes de espionagem em outros países, ações de sabotagem e apoio aos grupos de resistência locais, desenvolvimento da criptografia e a linguagem de códigos para envio de mensagens sensíveis com grau de segurança,² interceptação de ondas eletromagnéticas, técnicas de decifração de códigos e incremento da propaganda, contrapropaganda e da desinformação no sentido de ludibriar e confundir o inimigo.

Se pode afirmar com clareza, que ao final deste conflito mundial a informação, notadamente, a Metodologia na Produção do Conhecimento passou a ter um cunho científico com a publicação das primeiras duas obras acerca da atividade, consideradas manuais para gerações de analistas de informações em diferentes países, por décadas. “Informações Estratégicas” de Sherman Kent e “A Produção de Informações Estratégicas” de Washington Platt, ambos ex-militares e membros do antigo Escritório de Serviços Estratégicos (OSS), órgão de informação militar dos EUA criado em 1942, durante a segunda guerra mundial e precursor da Agência Central de Inteligência (CIA).

Nos primeiros anos da Batalha do Atlântico, travada no litoral brasileiro entre 1942 e 1945, a espionagem da Abwerh, o serviço de informações militar da Alemanha nazista, causou grandes danos ao informar sistematicamente acerca da movimentação de unidades mercantes brasileiras nos portos, sua carga, rota e destino. Baseada em uma destas informações foram afundados cinco navios mercantes brasileiros, em um só dia, em 15 de agosto de 1942, torpedeado pelo submarino alemão U-507, resultando na morte de 654 pessoas, entre tripulantes, passageiros e 247 militares do Exército brasileiro dos quais apenas 93 conseguiram se salvar (AGRESSÃO, 1943, p.73-74-75). Este episódio motivou a declaração de beligerância do Brasil contra a Alemanha e Itália, em 21 de agosto do mesmo ano.

A Força Expedicionária Brasileira (FEB) em operações no teatro da Itália entre setembro de 1944 e junho de 1945, dependia das informações enviadas pelos norte-americanos que, não raras vezes, chegavam às mãos dos comandantes, de maneira incompleta ou já sem valor pelo decurso de tempo. Em decorrência desta necessidade, foi pioneira no Exército brasileiro em criar um setor de contraespionagem aos moldes do Counter Intelligence Center (C.I.C) do V Exército dos EUA, do qual estava subordinada.

O setor era destinado a capturar espiões, suspeitos e colaboracionista do eixo ou do fascismo, prevenir atos de sabotagem, examinar a correspondência apanhada das mãos de refugiados e prisioneiros, realizar patrulhas para levantamento de informações nas linhas alemãs, dentre outras tarefas (WOLOSZYN, 2018, p. 111)

Neste diapasão, o Brasil criou, em 1946, seu primeiro serviço de informações, denominado Serviço Federal de Informações e Contrainformações (SFICI), um órgão integrante do Conselho de Defesa Nacional, cujo funcionamento efetivo ocorreu apenas no ano de 1958.

² Um dos episódios marcantes na Batalha do Atlântico foi a captura da máquina de criptografia alemã enigma realizada por navios de patrulha após ataque a um submarino alemão (U-110) em 09 de maio de 1941, fato que modificaria a guerra marítima no Atlântico, causando o fim da hegemonia alemã em ataques submersos. Outro exemplo foi a utilização da linguagem código indígena (Navarro) pelo Exército dos EUA, quando da invasão das ilhas próximas ao Japão.

Referências bibliográficas

- AGRESSÃO – **Documentário dos Fatos que levaram o Brasil à Guerra**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, janeiro de 1943.
- CONVENÇÃO DE HAIA. (1899) **Convenção para a solução Pacífica dos Conflitos Internacionais**. Disponível em: <http://www.gddc.pt/siii/docs/Haia1899.pdf>. Acesso em: 12.11.20.
- CHRISTOPHER, Andrew. **The Secret World: A History of Intelligence**. Yale University Press, 2019.
- FRATINNI, Eric. **La Santa Alianza: cinco siglos de espionaje vaticano**. Madrid: Espasa, 2004.
- JONES, Rhodri Jeffreys. **A History of American Secret Intelligence**. Yale University Press; 2edition, 2002.
- MARQUEZ DE CAXIAS. **Diários do Exército em operações: campanha do Paraguay**, agosto de 1867. Biblioteca do Senado Federal.
- MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe: com as notas de Napoleão Bonaparte**. Tradução J. Cretella Jr. e Agnes Cretella. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1997.
- _____. **A arte da guerra**. Tradução Eugênio Vinei de Moraes, Porto Alegre: L&PM, 2019.
- PARENTE, João Domingos. **Informações, Princípio e Princípios**. Revista Coletânea L, volume I, pág. 54, Escola Nacional de Informações, Brasília/DF, 1976.
- SUN TZU. **A Arte da guerra**. Tradução José Sanz, 15ª edição, Rio de Janeiro/RJ: Record, 1994.
- STOCKHAM, Braden. "Chapter 2: Literature Review: Historical Background". **The Expanded Application of Forensic Science and Law Enforcement Methodologies in Army Counterintelligence (Thesis)**. Fort Belvoir, VA: Defense Technical Information Center. 2017.
- KEEGAN, John. **Espionagem na guerra: conhecer o inimigo de Napoleão a Al Qaeda**. Tradução Mariana Pinto Santos, editora Tinta-da-China, Lisboa, 2006.
- WEINER, Tim. **Legado das Cinzas: uma história da Cia**, tradução Bruno Casotti, Rio de Janeiro, Editora Record, 2008.
- WOLOSZYN, André Luís. **Inteligência Militar: o emprego no exército brasileiro e sua evolução**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2018.



TSUSHIMA, 1905

Willian Spengler (**)

*“Enquanto isto se passa na formosa
Casa etérea do Olimpo onipotente,
Cortava o mar a gente belicosa
Já lá da banda do Austro e do Oriente,
Entre a costa Etiópica e a famosa
Ilha de São Lourenço; e o Sol ardente
Queimava então os Deuses que Tifeu
Com o temor grande em peixes converteu”.*

(Luís Vaz de Camões. *Os Lusíadas*, Canto I, 42/106)

A necessidade e, muitas vezes, a cobiça levam vizinhos a duelar por espaços e poder. E os versos entoados por um dos maiores representantes da literatura universal, no distante século XVI, servem para ilustrar um componente

que muitas vezes foi empregado como desafio para a defesa/ataque dos países: o mar oceano de nossa história. Foi justamente por espaços e poder que Rússia e Japão iniciaram um duelo, no oceano, ao alvorecer do século XX.

De 1871 a 1900, o Japão formou um verdadeiro império no Extremo Oriente. Notadamente após um período de guerra civil, de 1863 a 1868, o restaurado regime imperial japonês promove um vertiginoso processo de industrialização, constituindo uma poderosa marinha de guerra e um moderníssimo exército. Na guerra contra a China, de 1894 a 1895, o Japão tomou Taiwan e garantiu a independência da Coreia, sobre a qual passou a exercer considerável influência. Contrariado pela intervenção das grandes potências europeias que limitaram sua vitória, o Japão voltou-se para a Manchúria. O *tsuru* nipônico agora abria suas asas mirando uma provocatória política externa.

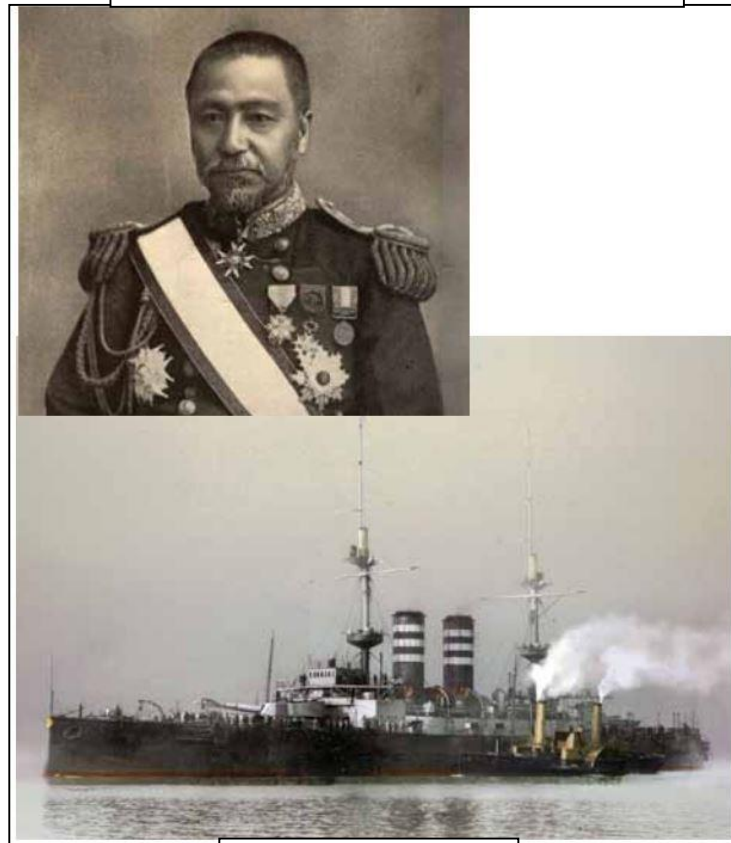
A Rússia preocupou-se com a influência japonesa na Coreia, enquanto os japoneses se alarmaram quando a China concedeu aos russos a península manchu de Liaotung, em 1898, para construírem uma base naval em Port Arthur. Em 1900, a Revolta dos Boxers, também na China, oferece à Rússia a ocasião para reforçar suas guarnições em direção ao leste asiático, aumentando sua esfera de influência. A tensão aumenta quando uma ferrovia ligando Port Arthur à Sibéria é estabelecida, e os russos estacionam tropas em toda região. Ademais, segundo o acordo forjado por ocasião da Revolta dos Boxers, a Rússia deveria abandonar a Manchúria. Entretanto, objetivando um porto em águas quentes com acesso ao Pacífico, os russos simplesmente se

recusam a abandonar Port Arthur. Numa demonstração de força, o *urso* russo mostra suas presas aos nipônicos.

Tanto o império nipônico quanto o império russo não pretendiam abrir mão do seu “negócio da China”. Em fevereiro de 1904, antes de qualquer declaração formal de guerra, a frota japonesa, sob comando do almirante Togo Heihachiro, afunda três navios russos no ancoradouro de Port Arthur. Em teoria, a Rússia era uma importante potência naval – com exceção de franceses e britânicos, ninguém possuía mais navios de guerra do que os russos. Após uma série de vitórias que permite aos russos ocuparem especialmente Seul, em maio, e Liaoyang, em setembro, os japoneses os forçam a capitular em Port Arthur, no primeiro dia de 1905, e obtém um sucesso decisivo em Mudken, em março. A batalha de Tsushima precipitará a derrota total da Rússia.

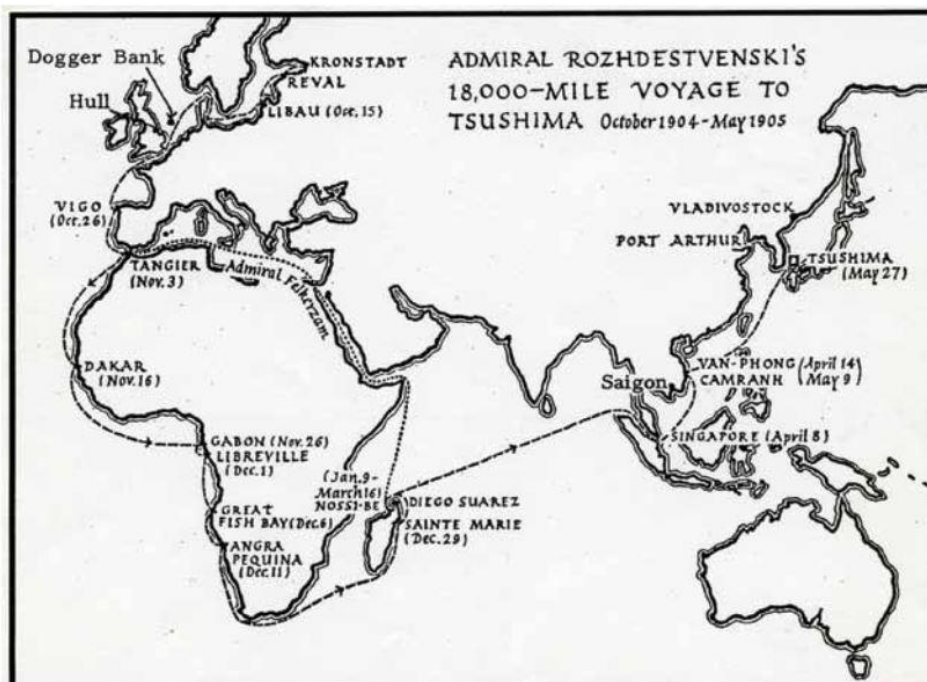
Mister ressaltar que no início da guerra, a maior parte da frota russa estava ancorada no mar Báltico, a mais de 32 mil quilômetros de distância do teatro de operações. Tomou-se a decisão de fazer navegar a maioria dessas embarcações por metade do mundo para enfrentar os japoneses. Elas levantaram âncora em 15 de outubro de 1904 sob o comando do almirante Zinovi Petrovitch Rozhdestvenski e seguiram pelo Báltico.

Figura 1. Almirante Togo e a nau-capitânia *Mikasa*



Fonte: Casey, 2014, p. 16.

Figura 2. Rota feita pela Armada Russa, do Báltico ao Pacífico



Fonte: Casey, 2014, p. 20.

Depois de sete extenuantes meses, emulando a rota feita por Vasco da Gama mais de quatrocentos anos antes, a frota russa entrou

no oceano Índico e alcançou a baía de Van Fong, na Indochina Francesa, pronta para o combate. Ela consistia em oito belonaves, oito cruzadores,

nove destróieres e três embarcações menores. Era uma esquadra de números consideráveis, mas de qualidade duvidosa, com a maioria das embarcações obsoletas. Além disso, eram inferiores em liderança e manejo de artilharia quando comparadas com a frota japonesa do almirante Togo, de quatro belonaves, vinte e sete cruzadores, vinte e um destróieres e dezesseis torpedeiros.

No momento em que Rozhestvenski alcançou a baía indochinesa, Port Arthur já havia caído diante dos japoneses e a frota russa que ali estava fora capturada. O único destino disponível para o almirante russo era Vladivostok, ao norte. Com poucas reservas de carvão, Rozhestvenski optou pela rota mais direta e mais arriscada, pelo estreito de Tsushima, onde Togo e seus navios estavam à espreita.

Figura 3. Almirante Rozhestvenski e a nau-capitânia *Knyaz Suvaroff*



Fonte: Casey, 2014, p. 20.

Um nevoeiro na noite de 26 para 27 de maio poderia ter feito a frota russa passar despercebida, mas um cruzador nipônico – *Shinano Maru* – avistou o navio-hospital *Orel* com as luzes acesas. Imediatamente informado graças à nova tecnologia do telégrafo sem fio, Togo preparou a ofensiva. Os japoneses usaram sua maior velocidade, treinamento e tecnologia de

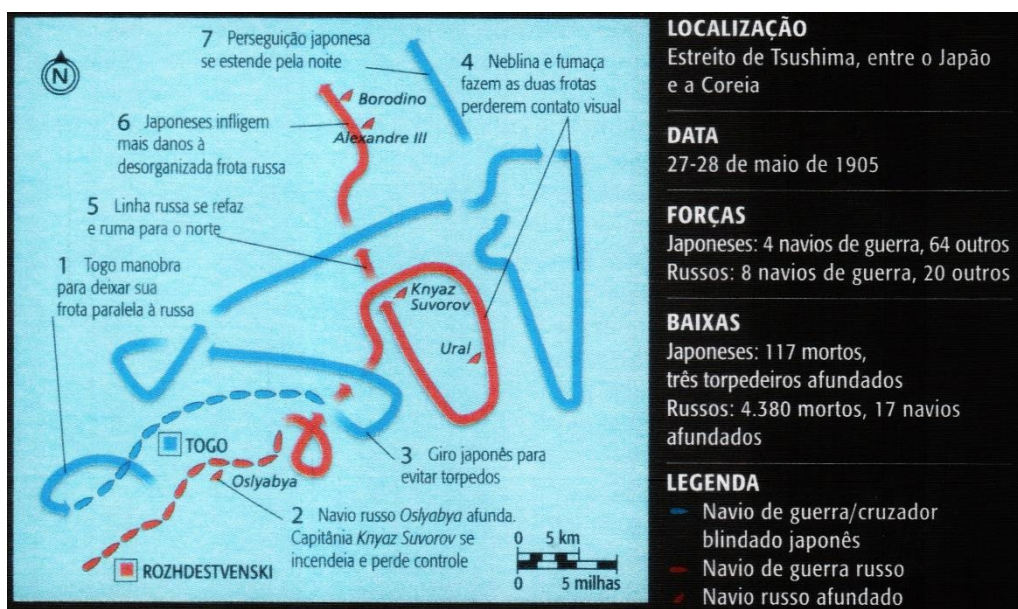
definição de distância dos alvos com resultados mortais. Seus projéteis de alto teor explosivo foram devastadores. Quatro belonaves russas afundaram. *Knyaz Suvaroff*, a nau-capitânia de Rozhestvenski, foi atingida e ele ficou seriamente ferido, tendo que entregar o comando ao inexperienced almirante Nicolai Nebogatov.

O vice-almirante Armando Vidigal explica os detalhes do embate:

“As forças russas e japonesas encontraram-se no ponto mais ao sul da Ilha de Tsushima; os russos em duas colunas tinham os japoneses a boreste; graças a superior velocidade dos japoneses, pôde Togo cortar o “T” dos russos – uma manobra que permitia que todos os navios japoneses usassem os seus canhões numa bordada contra os russos, enquanto esses ficavam limitados ao uso apenas dos poucos canhões que podiam atirar pela proa. Tão grande era a superioridade de velocidade dos navios de Togo, que ele pôde guinar com os seus navios e pela segunda vez cortar o “T” da força russa. A 6000 jardas de distância, os japoneses concentraram seu fogo contra

os líderes das duas divisões russas – o *Suvaroff*, com o pavilhão de Rozhestvenski, e o *Osslyabia*, com o pavilhão de Falkersam; logo, o *Osslyabia* estava em chamas e pouco depois afundou; o *Suvaroff* com o leme avariado deixou a linha, estabelecendo-se a confusão nas forças russas e teve início o verdadeiro massacre dessas forças. Num combate que durou cerca de 20 minutos, um a um foram sendo postos fora de combate os encouraçados russos. O *Suvaroff* durou até o dia seguinte, quando foi abandonado por Rozhestvenski, que se transferiu para um destróier que, pouco depois, foi aprisionado pelos japoneses”. (VIDIGAL, 2000, p. 187)

Figura 4. Batalha de Tsushima



Fonte: Ferrari, 2011, p. 374.

Mikasa, a capitânia de Togo, foi atingida várias vezes, e um de seus cruzadores foi forçado a se retirar da batalha. Os russos tentaram se virar e fugir, mas a armada de Togo virou contra eles. Os destróieres e torpedeiros nipônicos continuaram o assalto durante a noite, e às 10h30min da manhã de 28 de maio, Nebogatov rendeu-se, retirando o pavilhão russo e içando a bandeira japonesa. Quando o almirante nipônico

ordena o cessar-fogo, a vitória é total. Das vinte e oito embarcações russas que entraram no estreito, apenas três chegaram a Vladivostok; dezessete foram afundadas, cinco capturadas e três seguiram para o sul rumo às Filipinas. As estatísticas confirmam o resultado: foram mortos 4830 russos, 5917 foram capturados (inclusive dois almirantes no comando) e 1862 feridos. Do

lado japonês, 117 mortos, três cruzadores danificados e três torpedeiros afundados.

Weir (2004, p. 68) menciona que “Tsushima foi, com exceção das duas batalhas em 1898, nas quais os estadunidenses destruíram virtualmente a marinha espanhola inteira com a perda de um só marinheiro, a batalha naval mais desigual dos tempos modernos”. O czar, às voltas com uma efervescente rebelião interna de trabalhadores, teve que pedir paz. Theodore Roosevelt, presidente dos EUA, intermediou o acordo. As condições, claro, foram favoráveis ao Império do Sol Nascente.

Audoin-Rouzeau (2009), Ferrari (2011), Evans e Gibbons (2017), Vidigal e Almeida (2009) são unânimes em apontar que a primeira guerra de vulto do século XX alçou o Japão ao patamar das potências modernas. A armada nipônica não só destruiu a frota russa, mas também o mito da superioridade branca europeia – outro decisivo golpe no darwinismo social ocidental.

A vitória japonesa foi a primeira, na contemporaneidade, de uma nação não ocidental sobre um país europeu. Foi também a maior e mais destrutiva batalha no mar desde Trafalgar (1805), bem como a primeira e a última grande ação militar dos navios blindados da era *pré-dreadnought*. O Japão antecipou táticas e armamentos que seriam usados na Primeira Guerra Mundial – longos *fronts*, conflitos de atrito e exaustão, concentração de fogos sobre a ponta central do adversário, o uso de torpedos e minas nos conflitos navais. A partir de 1905, os japoneses assumiram de vez a política externa coreana e dominaram a economia do país; em 1910, a Coreia foi formalmente anexada, permanecendo sob as asas do *tsuru* nipônico até o fim da Segunda Guerra Mundial.

Para o Japão, o nome Tsushima resplandece como um deslumbrante sol nascente; para a Rússia, relembra o toque de silêncio. Um toque que anunciou a queda de um império e o fim do reinado do homem branco na Ásia.

(**) Historiador vinculado à SED-SC, pós-graduado pela UFRJ, acadêmico do Curso de Pós-Graduação em História Militar da Universidade do Sul de Santa Catarina, 1º Ten Inf R/2 EB

Referências:

- AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane. **As grandes batalhas da história**. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.
- CASEY, Raymond. **Russian Post Offices in the Chinese Empire (Part IV)**. Geneva: David Feldman, 2014.
- CROMPTON, Samuel. **100 Guerras que mudaram a História do Mundo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.
- EVANS, A. A.; GIBBONS, David. **A compacta história das guerras**. São Paulo: Universo dos Livros, 2017.
- FERRARI, Ana Claudia (org.). **Guerra**: a técnica a serviço da destruição – 1830-1914. São Paulo: Duetto Editorial, 2011, v. 5.
- LARDAS, Mark. **Tsushima 1905**: Death of a Russian Fleet. Oxford: Osprey Publishing, 2018. Campaign 330.
- MARIMÓN, Albert Caballé. *A Batalha de Tsushima*. **O Velho General**, 2018. Disponível em: <<https://velhogeneral.com.br/2018/09/16/batalha-de-tsushima/>>. Acesso em: 24 de ago. 2020.
- OVERY, Richard. **A história da guerra em 100 batalhas**. São Paulo: Publifolha, 2015.
- SILVA, Júlio Joaquim da Costa Rodrigues da. *A Revista Militar e a Guerra Naval Russo-Japonesa (1904-1905)*. In: **Revista Militar**. Lisboa, n. 2460, p. 139-170, jan. 2017.
- VIDIGAL, Armando A. F. *A evolução tecnológica no setor naval na segunda metade do século XIX e as consequência para a Marinha do Brasil*. In: **Revista Marítima Brasileira**. Rio de Janeiro, v. 120, p. 131-197, 2000.

VIDIGAL, Armando A. F.; ALMEIDA, Francisco E. A. de (orgs.). **Guerra no Mar**: batalhas e campanhas navais que mudaram a história. Rio de Janeiro: Record, 2009.

WEIR, William. **50 batalhas que mudaram o mundo**: os conflitos que mais influenciaram o curso da história. São Paulo: M. Books, 2004.



Acompanhe o texto do Cel Vogt: "LIVRO" pelo blog

www.escritorcfvogt.blogspot.com.br



Na página seguinte, a imagem do trecho da carta dirigida a El-Rei de Portugal em 1893 pelo jornalista e crítico literário português Guilherme Joaquim de Moniz Barreto referindo-se ao Exército de seu país.

Sem confirmação, esta carta teria sido publicada no "Jornal do Exército de Portugal", Lisboa, edição nº 306 (sem informação de data).

"Senhor, umas casas existem, no vosso reino onde homens vivem em comum, comendo do mesmo alimento, dormindo em leitos iguais. De manhã, a um toque de corneta se levantam para obedecer. De noite, a outro toque de corneta se deitam, obedecendo. Da Vontade fizeram renúncia, como da Vida. Seu nome é Sacrifício. Por ofício desprezam a morte e o sofrimento físico. Seus pecados mesmo são generosos, facilmente esplêndidos. A beleza de suas ações é tão grande que os poetas não se cansam de a celebrar. Quando eles passam juntos, fazendo barulho, os corações mais cansados sentem estremecer alguma coisa dentro de si. A gente conhece-os por militares...

Corações mesquinhos lançam-lhes em rosto o pão que comem; como se os cobres do pré pudessem pagar a Liberdade e a Vida. Publicistas de vista curta acham-nos caros demais, como se alguma coisa houvesse mais cara que a servidão. Eles, porém, calados, continuam guardando a Nação do estrangeiro e de si mesma. Pelo preço de sua sujeição eles compram a liberdade para todos e a defendem da invasão estranha e do jugo das paixões. Se a força das coisas os impede agora de fazer em rigor tudo isto, algum dia o fizeram, algum dia o farão. E, desde hoje, é como se fizessem. Porque por definição o homem da guerra é nobre. E quando ele se põe em marcha, à sua esquerda vai a coragem, e à sua direita a disciplina".

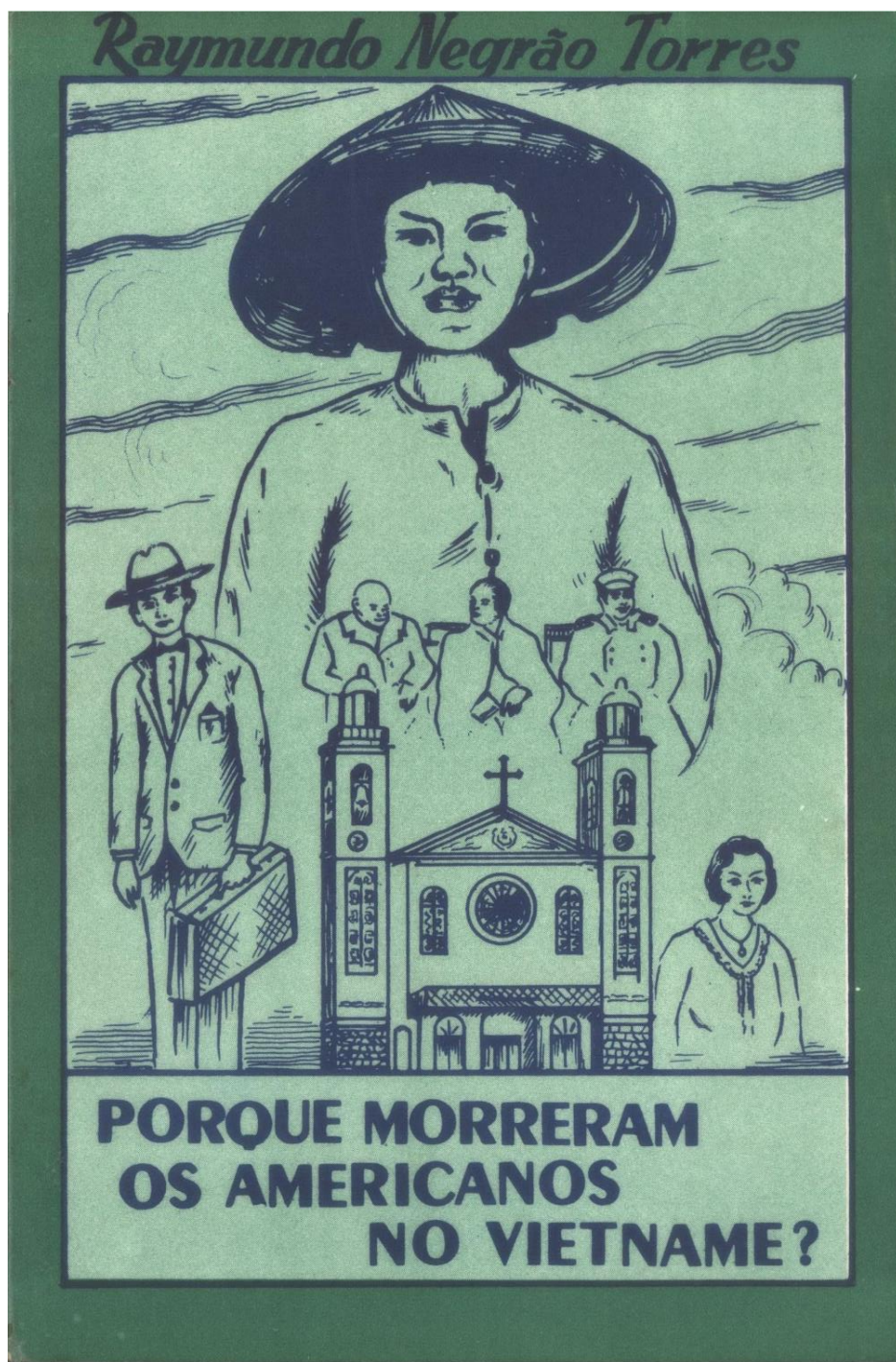
Carta a El-Rei de Portugal

"Senhor, umas casas existem no vosso reino, onde homens vivem em comum, comendo do mesmo alimento, dormindo em leitos iguais. De manhã, a um toque de corneta se levantam para obedecer. De noite, a outro toque de corneta se deitam, obedecendo. Da Vontade fizeram renúncia como da Vida. Seu nome é Sacrifício. Por ofício desprezam a morte e o sofrimento físico. Seus pecados mesmos são generosos, facilmente esplêndidos. A beleza de suas ações é tão grande que os poetas não se cansam de a celebrar. Quando eles passam juntos, fazendo barulho, os corações mais cansados sentem estremecer alguma coisa dentro de si. A gente conhece-os por militares..."

Corações mesquinhos lançam-lhes em rosto o pão que comem; como se os cobres do pré pudessem pagar a Liberdade e a Vida. Publicistas de vista curta acham-nos caros demais, como se alguma coisa houvesse mais cara que a servidão. Eles, porém, calados, continuam guardando a Nação do estrangeiro e de si mesma. Pelo preço de sua sujeição, eles compram a liberdade para todos e a defendem da invasão estranha e do jugo das paixões. Se a força das coisas os impede agora de fazer em rigor tudo isto, algum dia o fizeram, algum dia o farão. E, desde hoje, é como se o fizessem. Porque, por definição o homem da guerra é nobre. E quando ele se põe em marcha, à sua esquerda vai a coragem, e à sua direita a disciplina."

(TRECHO DA CARTA ESCRITA POR MONIZ BARRETO, EM 1893, PUBLICADA NO JORNAL DO EXÉRCITO DE PORTUGAL, Nº 306).

LIVROS RECEBIDOS POR DOAÇÃO DO GEN EDSON DE OLIVEIRA GOULARTE E QUE ESTÃO À DISPOSIÇÃO DOS INTEGRANTES E AMIGOS



TORRES, Raymundo Maximiano Negrão, General. Por quê morreram os americanos no Vietname? Curitiba: Editora Litero-Técnica, 1990.

A. de Lyra Tavares

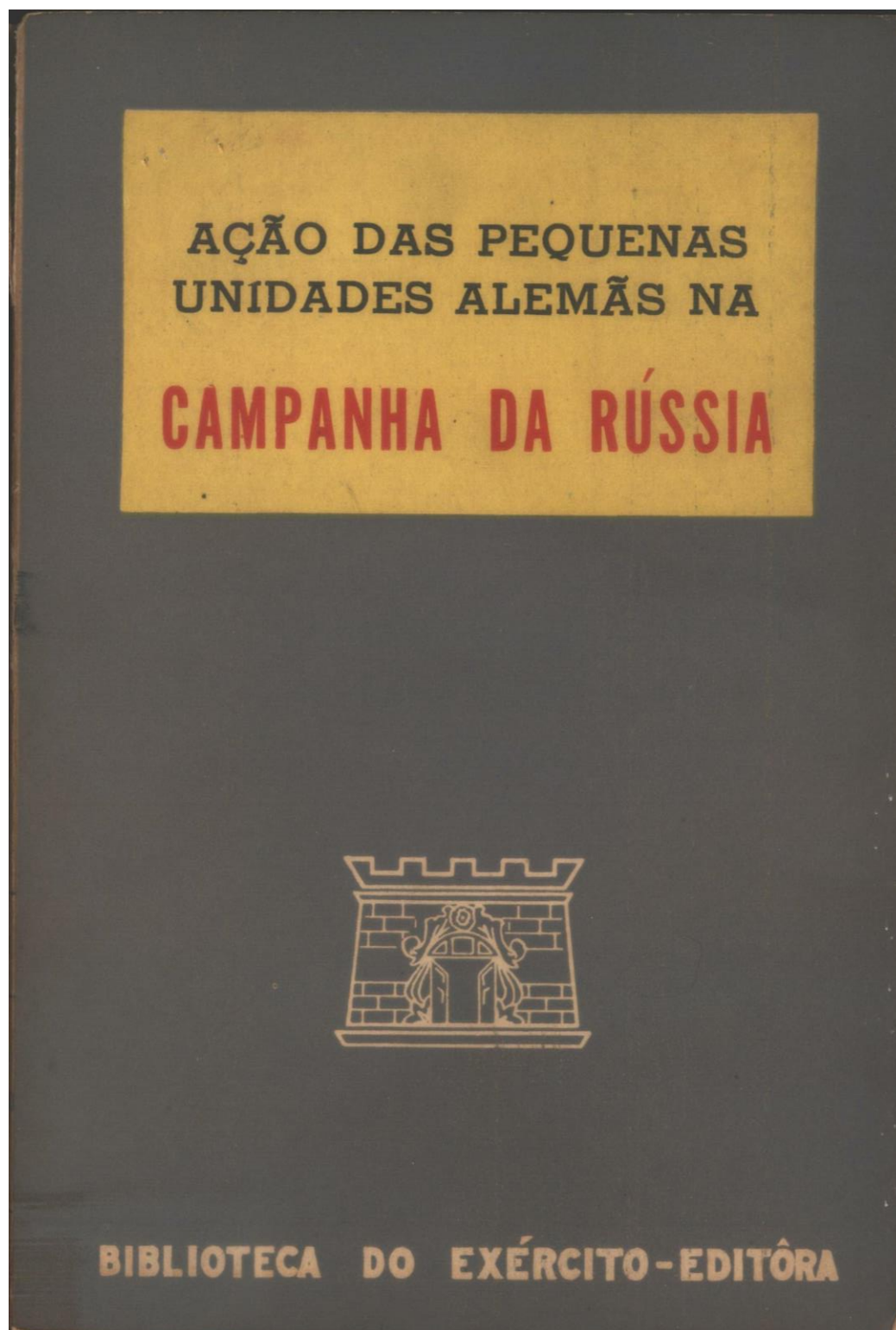
NOSSO EXÉRCITO

Essa Grande Escola



Biblioteca do Exército

LYRA TAVARES, Aurélio, General. Nosso Exército - Essa Grande Escola. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1985.



Exército dos EUA. Ação das pequenas unidades alemãs na Campanha da Rússia. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1964, tradução do Ten Cel Celso dos Santos Meyer.

GENERAL PATTON

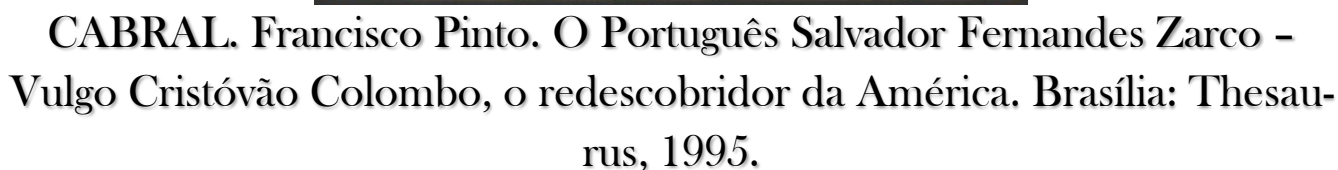
A GUERRA

QUE EU VI



be BIBLIOTECA
do EXÉRCITO
EDITORIA

PATTON Jr. George Scott, General. A Guerra que eu vi. Rio de Janeiro:
BIBLIEx, 1979, tradução do Cel Álvaro Galvão.



Editor:

*Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS
(lecaminha@gmail.com)*

Sites: www.ahimtb.org.br e www.acadhistoria.com.br

Site do Núcleo de Estudos Estratégicos/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br

Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nuclev.com

Blog da Delegacia da FAHIMTB/RS em Recife, PE -

Delegacia Heróis de Guararapes:

<http://historia-patriota.blogspot.com/>